

EDUCAÇÃO PARA ALTERIDADE E SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DE RENÉ GIRARD

*EDUCATION FOR ALTERITY AND OVERCOMING VIOLENCE: CONTRIBUTIONS BY
RENÉ GIRARD*

*Celso de Moraes Pinheiro¹
Valéria Andrade Leal²*

RESUMO: O presente estudo visa analisar elementos da teoria de René Girard e sua relação com a educação. Para tanto, buscou-se aprofundar elementos do pensamento do filósofo, aplicando-os ao campo da educação, entendido como lugar de ensino aprendizagem e também de convívio. Verificar-se-á se a educação pode contribuir para a superação da violência, a partir do pensamento do autor, especialmente com a conscientização das próprias atitudes violentas ao mesmo tempo em que se faz também um espaço de diálogo e de aceitação das diferenças.

Palavras-chave: Girard. Violência. Educação.

ABSTRACT: The present study aims to analyze elements of René Girard's theory and its relation with education. For this, we attempt to deepen elements of the philosopher's thinking, applying them in the field of education, understood as an environment of teaching-learning and also of living together. From the thought of the authors, it will verify if the education can contribute to the overcoming of the violence, particularly with the creation of awareness of violent attitudes, at the same time that it is also a space for dialogue and acceptance of differences.

Keywords: Girard. Violence. Education.

1. Introdução

A questão da violência, presente desde os primórdios da humanidade, é tema que desperta interesse em diversos pensadores. Sobretudo no século XX, pós-guerras mundiais, o tema foi discutido indicando o anseio por paz e pela reconstrução das relações econômicas e sociais na esperança de mudanças estruturais. Entre esses pensadores, encontra-se o francês René Girard (1923-2015). Partindo de análises sobre importantes obras literárias, entre as quais os romances de Dostoiévski, Cervantes e outros escritores clássicos, Girard percebe elementos miméticos que serão posteriormente confirmados em sua teoria através dos estudos sobre as narrativas históricas e os processos inquisitórios, por exemplo.

¹ Doutor em Filosofia. Professor da Universidade Federal do Paraná. E-mail: celsopinheiro.ufpr@uol.com.br

² Mestre em Teologia - PUCPR. Especialista em Filosofia da Educação – UFPR. E-mail: vandradeleal@yahoo.com.br

Segundo Girard, a estruturação das religiões e a própria cultura teriam como base um mecanismo mimético que, uma vez institucionalizado, evita a guerra de todos contra todos e, ao mesmo tempo, sistematiza e legitima a violência. Seu pensamento tem como base três princípios norteadores: o desejo mimético, o caráter coletivo da ação violenta e o mecanismo do bode expiatório. Sua teoria denuncia o sistema violento que elege “bodes expiatórios”, sacrificando alguns em nome da paz entre todos. Segundo ele, trata-se de um círculo vicioso que sustenta a violência.

O presente artigo pretende apresentar os principais elementos desta teoria para, posteriormente, levar a uma reflexão acerca da ação educativa realizada na escola básica, seja pelo processo de ensino aprendizagem, seja pelo convívio entre pares e a sua estrutura organizacional que se tornam modelos de relações que são “imitados”. Assim, ao analisar as origens da violência e seu desenvolvimento, abre-se caminho para a postulação da ideia de que uma das principais atividades provocadas pelos processos educativos é a superação da violência.

2. Violência e origens da cultura: um assassínio fundador

Ao levar a termo uma análise de variadas obras literárias, René Girard se detém em observações sobre as relações humanas, sobretudo no que se refere às tramas caracterizadas por disputas e atos de violência. Exemplo disso se encontra no fato de Girard verificar através dos mitos gregos e dos romances psicológicos de Dostoievsky, o que já havia sido percebido na Grécia antiga: o ser humano é mimético. Para ilustrar sua afirmação, pensa na passagem de Aristóteles, onde se lê:

Imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações (ARISTÓTELES, 2004).

A condição mimética do ser humano o torna capaz de adquirir conhecimentos e assimilar a cultura, sair da condição animal, é ela que “...*nos hace capaces de adaptación, es lo que proporciona al hombre la posibilidad de aprender todo cuanto necesita saber para poder participar en su propia cultura. Esta última no se inventa el*

*indivíduo, sino que la copia*³” (GIRARD, 2006, p. 56). Logo, “o desejo mimético é intrinsecamente bom” (2002b, p. 32) e necessário para que se possa viver em sociedade; contribui com a transmissão da cultura adquirida e também com sua continuidade criativa.

Após constatar o fato de que o ser humano é mimético, Girard passa a analisar como o mimetismo gera violência. É importante destacar que o autor considera uma diferença entre mimetismo e imitação: no primeiro, há menor grau de consciência determinando as ações de forma involuntária, tornando difícil a análise das próprias atitudes incorrendo em círculos viciosos. A imitação, por sua vez, se faz no convívio, é aprendido, interação entre os pares, transmissão de conhecimentos, nem sempre é desejo no sentido da rivalidade mimética⁴.

Considerando o caráter imitativo do humano, Girard identifica nos primórdios das comunidades um assassinato fundador, um sacrifício relatado nos mitos, que o justifica, revivido nos ritos que o sacraliza, e que remetem a fatos reais que estiveram na base da organização social e, num primeiro momento, se expressaram através da religião. Assim, o mimetismo é a base da cultura, fundada em um ato violento que precisa ser justificado e repetido para que o grupo não se autodestrua pelo mimetismo.

Um exemplo analisado por Girard é o mito de Rômulo e Remo, situação em que apenas um poderia ser o fundador da cidade. O mimetismo, ser fundador, gera uma tensão, uma rivalidade mimética que precisa ser aplacada. O assassinio fundador organiza a comunidade e dissolve a hostilidade eliminando o concorrente. A vítima restaura a ordem uma vez que para ela se dirigem todas as tensões, por isso é divinizada por trazer a solução para o problema sendo lembrada nas expressões religiosas ou considerada como herói. Posteriormente o gesto será repetido para aplacar outras animosidades, o que fica melhor explícito nos ritos sacrificiais.

³ “... nos torna capazes de adaptação, é o que dá ao homem a possibilidade de aprender tudo o que ele precisa saber para participar de sua própria cultura. Esta última não é inventada pelo indivíduo, mas é copiada” (Tradução própria).

⁴ James Alison aborda o tema indicando que a imitação faz parte da condição humana começando por um desejo que não é rivalístico, alimentação, p. ex., que assim vai se tornando no convívio com outras pessoas e que, inclusive, ajuda a moldar a própria identidade em contraste com outras. No caso de Girard, ele se volta mais para o desejo que se torna rivalidade, que é apropriativo (Cf. ALISON, James. Uma fé para além do ressentimento. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, n. 393, ano XII, pp. 11-14, 21 abr. 2012).

2.1 Desejo e rivalidade mimética

Com base em análises literárias, Girard (2002b, p. 28) afirma que “a principal fonte de violência entre os homens é a rivalidade mimética”. Observa os comportamentos dos personagens e afirma que o mimetismo inicia no desejo. Ele exemplifica falando de duas crianças em uma sala com inúmeros brinquedos onde, a partir do momento em que uma criança escolhe um brinquedo específico, a outra ignorará todos os outros e passará a desejar aquele brinquedo de forma que ambas rivalizam em busca do mesmo objeto. Tal acontece, segundo o autor, porque o mimetismo se refere ao desejo em si. Na obra *A Violência e o Sagrado* (1998), Girard sublinha que o que leva o objeto a ser desejado é justamente o fato de ser desejado por outro.

Uma vez que seus desejos primários estejam satisfeitos, e às vezes mesmo antes, o homem deseja intensamente, mas ele não sabe exatamente o quê, pois é o ser que ele deseja, um ser do qual se sente privado e do qual algum outro parece-lhe ser dotado. O sujeito espera que este *outro* diga-lhe o que é necessário desejar para adquirir este ser. Se o modelo aparentemente já dotado de um ser superior, deseja algo, só pode se tratar de um objeto capaz de conferir uma plenitude de ser ainda mais total. Não é por meio de palavras, mas de seu próprio desejo que o modelo designa ao sujeito o objeto sumamente desejável (GIRARD, 1998, p. 184).

Entende-se que o desejo nasce nas relações. O caso dos gêmeos Rômulo e Remo, também abordado por Girard, é bem ilustrativo: cada um odeia no outro exatamente aquilo que lhe é idêntico (GIRARD, 2002b, p. 41), da mesma forma que deseja ter o que o outro tem justamente porque lhe imita em seu desejo. Esta compreensão leva o pensador a concluir que a raiz do desejo não está no sujeito que deseja, nem ao menos no objeto, mas no modelo que acaba atuando como uma espécie de mediador (GIRARD, 2002a, p. 154). Assim, aquele que é imitado em seu desejo se torna um rival.

A rivalidade não é o fruto da convergência accidental de dois desejos para o mesmo objeto. *O sujeito deseja o objeto porque o próprio rival o deseja*. Desejando tal ou tal objeto, o rival designa-o ao sujeito como desejável. O rival é o modelo do sujeito, não tanto no plano superficial

das maneiras de ser, das ideias, etc., quanto no plano mais essencial do desejo (GIRARD, 1998, p. 184).

Fica estabelecida, então, o que o pensador designa rivalidade mimética. Interessante notar que o próprio objeto perde seu valor em si, mas se torna importante na medida em que é desejado pelo outro. O rival torna-se, então, um “escândalo”⁵, um obstáculo para o outro, suscitando tensões e violência. Assim, se estabelece um processo imitativo que vai do desejo do objeto ao desejo de ser o outro. Neste ponto, Girard (1996, p. 24) entende que “*todo deseo es deseo de ser*”⁶, pois não se trata apenas de possuir um objeto, mas de ser o outro, de estar no seu lugar.

Estabelecida a disputa, haverá um perdedor e uma revanche, dando prosseguimento a um ciclo de violência. “A vingança é uma forma de imitação, visto que se deseja imputar ao outro, o mesmo que lhe foi imputado. A humilhação quer vingar-se humilhando, ou seja, imitando o papel daquele que humilha” (GIRARD, 2002a, p. 156). Há pretensão de se conferir ao outro o mesmo dano, ou seja, agir da mesma maneira. A vingança reforça e pereniza o ciclo de violência estabelecido com base no mimetismo.

2.2 Mimetismo e coletividade

Na sequência, Girard mostra como as tensões geradas pelo desejo mimético se acumulam confluindo naturalmente para tensões sociais. Nas narrativas das comunidades primitivas, na maior parte das vezes, essa tensão recíproca é entendida como peste ou praga. Buscam-se culpados para a questão confluindo para reações coletivas de violência. Para comunidades pequenas, isso pode significar a extinção do grupo, visto que ações violentas contagiam e desencadeiam represálias criando um ciclo infundável. Logo, torna-se mais conveniente concentrar tal agressividade numa única vítima, reconhecida e legitimada socialmente como culpada pela crise na comunidade.

⁵ Partindo de interpretações do termo “escândalo” que aparece no Evangelho, Girard entende que se trata de algo “que faz coxear”, que atrapalha, uma “pedra de tropeço” (Cf. GIRARD, René. **A voz desconhecida do real**. Uma teoria dos mitos arcaicos e modernos. Lisboa: Instituto Piaget, 2002a, p. 143-144). Em termos de mimetismo, o “escândalo” é o “sósia mimético” que atrapalha o sujeito na busca por seu objeto desejado, ou seja, o ser como o outro (Cf. GIRARD, René. **Eu via Satanás cair do céu como um raio**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002b, p. 39).

⁶ “Todo desejo é desejo de ser” (Tradução própria).

Uma vez que os nossos desejos são miméticos, este imitam-se e agrupam-se em sistemas de oposição obstinados, estereis e contagiosos: os escândalos. Quando se multiplicam e concentram, mergulham as comunidades em crises que se agudizam cada vez mais, até o momento paroxístico em que a polarização unânime contra uma única vítima fornece o escândalo universal, o ‘abcesso de fixação’, que apazigua a violência e recompõe o conjunto descomposto (GIRARD, 2002b, p. 123).

Para evitar o “todos contra todos”⁷, a comunidade, unanimemente, seleciona uma única vítima que servirá como um “bode expiatório”. O termo bode expiatório “refere-se a um mecanismo de vitimização verdadeiramente arbitrário, mas não apercebido como tal, que fornece uma chave para a interpretação dos textos quase míticos da perseguição mistificada” (GIRARD, 2002a, p. 43). O costume de oferecer sacrifícios aos deuses é um indício deste mecanismo, considerando que muitos grupos ofereciam sacrifícios humanos, com o tempo substituídos por animais. Com o pretexto de abrandar a ira dos deuses, o que realmente se queria era pacificar as tensões internas surgidas nas relações entre os pares.

Girard (2004) considera que a hierarquização da organização social acarreta perdas e ganhos que nem sempre são percebidos e que alimentam o desejo mimético confluindo para as tensões sociais. Como resultado há a sensação de impotência que leva a buscar causas exteriores e não as naturais. É o ambiente propício para que a acusação se volte apenas para uma pessoa. Uma vez eleita, a comunidade acredita piamente que a vítima é a causa dos males que a afligem, mesmo não buscando as causas mais profundas. Assim, termina por atribuir-lhe um poder maléfico, o que justifica o linchamento, por exemplo. A escolha da vítima, no entanto, é algo perigoso, pois pode também suscitar a vingança que, ao invés de amenizar, alimentaria a violência criando um ciclo infundável. Por isso a comunidade conta com alguns fatores interessantes para justificar sua escolha: os sinais vitimários e legitimidade social.

Uma vez que a crise é antes de tudo a do social, existe forte tendência de explicá-la pelas causas sociais e sobretudo morais. Todavia, mais do que reprovar a si próprios, os indivíduos têm forçosamente a tendência de reprovar tanto a sociedade em conjunto, o que não os compromete com nada, como outros indivíduos que lhe parecem

⁷ Stéphane Vinolo ressalta que para se chegar ao ponto de estabelecer um contrato social é necessário que as partes já tenham, de alguma forma, renunciado à violência para poderem dialogar, por essa razão, o contrato social não é suficiente para frear a violência (Cf. VINOLO, Stéphane. A teoria apocalíptica de Girard. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, n. 393, ano XII, pp. 15-19, 21 abr. 2012).

particularmente nocivos por razões fáceis de desvendar. Os suspeitos são acusados de crimes de um tipo particular (GIRARD, 2004, p. 22).

A caracterização de crimes que seriam considerados inaceitáveis, a diferença ou mesmo a fragilidade da vítima, faz com que sua eleição seja mais fácil e mais eficaz, do ponto de vista de não suscitar a vingança. Girard (2004) indica, então, estereótipos da perseguição. Além disso, considerando que a crise do coletivo, ou seja, é fruto da experiência de “indiferenciação” que coloca as pessoas umas contra as outras, a responsabilidade da morte da vítima também precisa ser coletiva, ou seja, o sacrifício tem que ser por unanimidade na comunidade, o que se torna fácil visto que todos os seus membros compartilham das mesmas crenças.

Acontece que as vítimas de uma multidão são sempre aleatórias, embora aconteça também que não o seja. Acontece que até que os crimes de que são acusadas sejam reais, mas não são eles, mesmo neste caso, que desempenham o papel principal na escolha dos perseguidores, e sim a pertinência das vítimas a certas categorias particularmente expostas à perseguição (GIRARD, 2004, p. 25).

No contexto de uma crise social e cultural que leva a uma indiferenciação generalizada, as instituições e autoridades religiosas e civis, embora já reconhecidas, tendem a ser enfraquecidas, o que favorece a formação da “multidão”, da massa indiferenciada que irá pressionar resoluções ou mesmo executar ações que supostamente resolvam ou, melhor dizendo, aliviem a tensão estabelecida. Essa coletividade ganha autoridade para identificar o culpado, acusando-o do “crime indiferenciador” - estupro, incesto, assassinato de uma autoridade ou de uma criança, etc. - que suscetibiliza e que vai justificar o sacrifício da vítima. Trata-se de uma “acusação estereotipada que autoriza e facilita esta crença, desempenhando com toda evidência, um papel mediador. Ela serve de ponto entre a pequenez do indivíduo e a enormidade do corpo social” (GIRARD, 2004, p. 23). Diante disso, os sacerdotes, no caso das religiões, ou as autoridades civis, como prefeitos, juízes, delegados, etc., veem-se obrigados a tomar decisões conforme o arbítrio da multidão.

Ademais, há marcas de seleção vitimária, como por exemplo, um negro em país de brancos ou simplesmente um estrangeiro; o seguidor de uma religião minoritária; deficiências físicas, enfim, elementos de polarização da vítima, em relação à multidão. O caso da peste negra na Idade Média, relatado por Guillaume de Machaut (GIRARD, 2004), é bastante ilustrativo: os judeus são responsabilizados pela peste e

perseguidos. Embora não fossem os culpados reais, a comunidade assim acreditava e buscava, com sua execução ou banimento, resolver o problema.

Girard vê processos semelhantes em relatos históricos como aqueles da Revolução Francesa, por exemplo, no assassinio dos nobres. Neste caso, a nobreza é o fator indiferenciador que desencadeia a eleição vitimária. Há a formação da multidão que é unânime no julgamento e o elemento mimético que buscava a “igualdade”, entendido em todos os sentidos. Aqui vale ressaltar que o estereótipo não é a desvantagem da vítima, mas a vantagem em relação aos membros da multidão: o poder dos nobres torna-se um fator de polarização; a indiferenciação, que rompe o “respeito” pela autoridade, permite que sejam julgados e condenados como pares. O mesmo é perceptível, no entender do pensador, no sistema capitalista que aceita a pobreza como mal necessário ou inevitável; no holocausto em que os judeus eram alvos de perseguição e assassinio, e outras formas de segregação e eliminação de povos e indivíduos.

Nas comunidades primitivas, uma vez acontecido o assassinio e a comunidade sentindo-se reconciliada, o mérito da reconciliação é atribuída à vítima. De culpada, ela passa a ser a apaziguadora, a causa das benesses, de forma que é “divinizada”, ou seja, a morte não tem a palavra final sobre ela (GIRARD, 2004, p. 61). Por isso seu sacrifício será lembrado, dando origem aos mitos e seu sacrifício repetido, originando os ritos das comunidades antigas.

Cuando la crisis parece amenazar de nuevo, se recurre a los grandes medios, y se imita lo que la víctima hizo, parece ser, para salvar a la comunidad. Ella acepta hacerse matar. Se va a elegir una víctima sustitutoria que morirá en su lugar, una víctima *sacrificial*: es la invención del *rito*. Por último, se va a recordar esta visita sagrada: a eso se le llama *mito*. Los monstruos mitológicos testimonian el desorden del que esos relatos, guardan la huella de las perturbaciones de la representación en el momento de la crisis mimética (GIRARD, 1996, p. 33).⁸

Assim, o elemento ritual, religioso, é entendido como meio de apaziguar as tensões nos grupos humanos para que estes não se autodestruam. Eles significam e perpetuam o sacrifício que se torna fundador estabelecendo ritos e padrões de

⁸ “Quando a crise parece ameaçar de novo, se recorre aos grandes meios, e se imita o que a vítima fez, como que para salvar a comunidade. Torna-se a eleger uma vítima substitutiva que morrerá em seu lugar, uma *vítima sacrificial*: é a invenção do *rito*. Por fim, se recorda esta visita sagrada: a isso se chama *mito*. Os monstros mitológicos testemunham a desordem destes relatos, acompanham os distúrbios da representação nos momentos da crise mimética” (Tradução própria).

juízo moral, elegendo heróis e fornecendo modelos para a solução de futuros problemas da comunidade. Girard (1996, p. 31) insiste que a expressão do sagrado em ritos e mitos é o mais consciente de todo o mecanismo, por isso não se culpabiliza os responsáveis pelo sacrifício, mas se indica o reconhecimento da inocência da vítima como forma de romper o ciclo mimético.

2.3 Contrapor a violência

Ao apresentar a teoria mimética, Girard busca encontrar e trazer à luz as causas da violência, que para ele é o mimetismo. A análise do pensador o fez entender que o mecanismo mimético é inconsciente, o que torna mais forte a sua atuação (GIRARD, 1996, p. 37), ou seja, a violência se perpetua. A eliminação da vítima gera na comunidade um efeito reconciliador. Por ser unânime, a ação não gera culpa nos indivíduos, mas todos creem estar contribuindo para a pacificação da comunidade. A polarização da violência e sua execução dão à comunidade a sensação de eficácia do ato e a necessidade de sua repetição, gerando um círculo mimético que evita que a comunidade se autodestrua, mas que perpetua e até justifica a violência.

A análise dos textos antigos colocou nas mãos de Girard o texto sagrado judeu-cristão. Nele, o pensador encontrou a resistência ao mecanismo do bode expiatório, não apenas ao se contrapor aos sacrifícios humanos, como exposto na narrativa do sacrifício de Isaac, mas ao clarificar a inocência das vítimas, revelando a perversidade do mecanismo do “bode expiatório”. A Bíblia é reveladora porque expõe o mesmo drama retratado nos mitos, mas há “uma vítima firmemente decidida a rejeitar as ilusões persecutórias; é preciso, portanto, este mesmo drama para gerar o único texto que possa deslindar completamente toda a mitologia” (GIRARD, 2004, p. 134). Girard identificou nestes escritos antigos, que dão a palavra às vítimas, uma resistência ao mecanismo vitimário. A inocência das vítimas soa como uma denúncia do mecanismo de violência. No caso de José do Egito, Judá rompe o ciclo do “bode expiatório” ao colocar-se no lugar dos verdadeiros culpados. Além disso, a inocência de José é constantemente reforçada na narrativa⁹, embora a predileção do pai, sua condição de “sonhador” e o cargo de vice-rei o coloquem em situação de polarização. Jó personifica vários sinais vitimários: é doente, perde seus bens, acorrem-lhe tragédias como se estivesse sendo

⁹ Cf. Gênesis, cap. 37ss.

rejeitado pela divindade. Seus amigos insistem para que ele admita sua culpa, mas ele permanece firme alegando sua inocência.

O Evangelho, por sua vez, chama particularmente a atenção de Girard ao relatar o processo que levou à condenação e morte de Jesus. Tem-se Pilatos que determina sua sentença ao gosto da multidão, a acusação estereotipada, o bode expiatório que catalisa a tensão social. Entretanto, a inocência da vítima, o “sem causa” da morte fica claro para denunciar o mecanismo persecutório (GIRARD, 2004, p. 144). Por isso

[...] a lembrança da morte de Jesus vai se perpetuar com uma significação muito diferente do que a pretendida pelos poderosos, uma significação que não chega, sem dúvida, a se importa imediatamente como toda a sua novidade prodigiosa, mas que não deixa de penetrar pouco a pouco os povos evangelizados, ensinando-lhes cada vez mais a descobrir ao redor de si as representações persecutórias e rejeitá-las (GIRARD, 2004, 143).

No entender de Girard, os mitos buscam justificar ou esconder o mecanismo vitimário, enquanto vários relatos bíblicos oferecem resistência a este mecanismo, colocando à luz a inocência das vítimas. Outra questão levantada pelo autor é o perdão, o rompimento do ciclo de violência pela vingança. De forma particular, o perdão dado por Cristo na cruz denuncia a não consciência do mecanismo do bode expiatório. Assim, mais do que um acontecimento maléfico, se trata de um fato revelador para Girard que afirma:

Vemos bem que os evangelhos rejeitam a perseguição. Todavia, não suspeitamos de que, assim fazendo, eles desmontam as propriedades dela, e é a religião humana em seu conjunto que eles desfazem, bem como as culturas que dela derivam. Não reconhecemos, em todos os poderes simbólicos que vacilam ao nosso redor, o fruto da representação persecutória. Porém, se o empreendimento dessas formas de descerrar, se o seu poder de ilusão se enfraquecer, é justamente porque descobrimos cada vez melhor os mecanismos de bode expiatório que lhes servem de fundamento. Uma vez descobertos, tais mecanismos não funcionam mais; acreditamos cada vez menos na culpabilidade das vítimas que eles exigem e, privadas do alimento que as sustenta, as instituições derivadas desses mecanismos se desmoronam uma por uma ao nosso redor. Saibamos ou não, os evangelhos são os responsáveis por esse desmoronamento (GIRARD, 2004, p. 135).

Desde a análise destes textos, Girard entende que a tomada de consciência do mecanismo do “bode expiatório” e do mimetismo que gera a competição é o primeiro passo, que, lentamente, assim como foi forjado o mecanismo mimético, poderá reduzir os impactos violentos do desejo mimético. “O mecanismo vitimário só funciona devido à ignorância daqueles que o fazem funcionar. Acreditam estar na verdade quando, na realidade, estão na mentira” (GIRARD, 2002b, p. 63). Ao analisar textos bíblicos, Girard percebe que neles há o reconhecimento da violência que é denunciada e perdoada, sobretudo no reconhecimento da inocência das vítimas. Entretanto, para que isso aconteça, o reconhecimento começa em si mesmo: reconhecer a violência que parte do próprio desejo.

Quando suspeitamos que os nossos vizinhos cedem à tentação do bode expiatório, denunciemo-los com indignação. Estigmatizamos ferozmente os fenômenos de bode expiatório de que os nossos vizinhos se tornam culpados, sem nós mesmos conseguirmos passar sem vítimas alternativas. Tentamos acreditar que só temos rancores legítimos e ódios justificados, mas as nossas certezas neste domínio são mais frágeis do que as dos nossos antepassados (GIRARD, 2002b, p. 195).

Atuando como juiz dos desejos alheios, alimenta-se o ciclo mimético sem mesmo o perceber. O reconhecimento de que o desejo está em si, embora despertado pelo outro, e que o “bode expiatório” é inocente, pode conter os processos violentos.

Outro elemento que Girard identifica nos relatos bíblicos é que as vítimas ganham voz. Nos Salmos 83 e 84, por exemplo, o livro sagrado registra o clamor do pobre, doente, indefeso, aquele que facilmente seria identificado nos estereótipos vitimários, eles clamam à divindade. Por sua vez, o Salmo 82 dá a palavra à própria divindade julgando os poderosos e defendendo as vítimas, em especial o órfão, a viúva e o estrangeiro, perfeitos sinais vitimários para o mecanismo mimético. Em alguns casos, as vítimas não falam por si mesmas, pois não têm credibilidade, mas são representadas, geralmente, pelo profeta que tem autoridade reconhecida pela comunidade para denunciar a perversidade do sistema.

Por fim, pode-se deduzir que, a partir da teoria de René Girard, ao tomar consciência do mecanismo mimético, violento, vitimário, rompe-se com o ciclo de violência denunciando e defendendo as vítimas. Naturalmente que, para tanto, faz-se necessário localizar-se no ciclo vitimário, entender que papel se desempenha no

processo e assumir a própria “culpa” pelo desejo e mimetismo que gera rivalidade e alimenta a violência.

3. Educação e superação da violência

O Atlas da Violência 2017 aponta para aumento alarmante do número de homicídios no Brasil, especialmente entre jovens pobres, negros e com baixa escolaridade. Esclarín (2006, p. 36-50) denuncia ainda a “cultura da violência” que se manifesta na superexploração no trabalho, no lar através do machismo, o cerceamento das culturas tradicionais e a exploração da natureza, a violência, por vezes, incentivada e comercializada nos meios de comunicação. A isso, pode-se acrescentar a política marcada pela corrupção, massificação e manipulação.

As diversas formas de violência se fazem sentir também na escola com relatos de agressão física a professores e estudantes, racismo, homofobia, intolerância religiosa, exclusão de várias formas. A polarização de opiniões, na maioria das vezes, fundamentada em argumentos rasos, tem dado margem a trocas de agressões verbais e de campanhas preconceituosas nas redes sociais, espaço frequentado cotidianamente por estudantes.

A escola, como humanizadora, como preconizara Hanna Arendt (2005), lugar de construção e compartilhamento de conhecimento, colaboradora no processo de inserção social, vê-se influenciada e influenciando neste contexto de desafiador convívio, seja pela intolerância às diferenças, seja pela criminalidade diretamente ligada aos processos de exclusão social ou de drogadição. Disso surgem questionamentos acerca de que resposta a escola pode dar atuando para transformar tal realidade.

3.1 Conscientizar

Segundo a reflexão de René Girard, a violência nasce do desejo, gerando a rivalidade que produz ciclos de violência retroalimentados pelo mimetismo, ratificados por algumas instituições. Em seu entendimento, a violência está presente entre os grupos humanos gerando a necessidade de criar mecanismos de justificação e/ou

regulação desta. Dentre estes mecanismos, a religião¹⁰ seria um dos primeiros experimentos e que teria sustentado, ou ainda o faz, por séculos sistemas sacrificiais que legitimaram assassinatos e exclusões.

A institucionalização por meio de ritos refreia, mas não suprime a violência, envolvida e envolvendo em uma órbita dependente. Girard entende que uma das saídas deste círculo vicioso é possível mediante a tomada de consciência deste mecanismo. O mimetismo é inconsciente e quanto mais o é, mais determina a ação da pessoa sem que ela possa avaliar as próprias atitudes, ponderando as reais motivações de seus atos. Isso requer olhar crítico para o próprio desejo mimético e também para com o sistema que confirma e convalida a eleição de vítimas como se sua execução ou exclusão fosse um mal menor e inevitável. São dois aspectos diferentes a serem analisados: a responsabilidade pessoal e a dinâmica social.

Na tarefa de entender o âmbito individual e social, há que se considerar o lugar que cada um ocupa no ciclo violento. No entender de Girard (2004), os personagens podem ser descritos como o acusador, a multidão e o “bode expiatório”.

Viu-se, anteriormente, que no lugar do acusador está aquele que deseja o que o outro deseja, cultivando em si mesmo a rivalidade mimética. O acusador, aos poucos, culpa a vítima convencendo a si mesmo, à própria vítima e aos demais, de que ela é a origem do mal, ganhando assim o apoio da multidão. Nesse processo, a violência passa a ser justificada e ratificada socialmente, de forma que se cria um sistema sacrificial que isenta de culpa o sacrifício humano, passando do plano individual para o plano social. Alguns pensadores, por exemplo, remetem ao sistema econômico que permite a existência de grande massa da população na miséria alegando ser uma consequência inevitável do desenvolvimento econômico¹¹.

De outro lado, está o bode expiatório, que assume para si a culpa e aceita ser sacrificado para o “bem” da comunidade. Ao fazê-lo, mantém o sistema sacrificial e valida a necessidade da violência, assumindo para si uma culpa que não é sua, mas se originou no desejo mimético. A vítima aceita sua culpabilidade porque compartilha dos mesmos valores de seus juízes (GIRARD, 1996, p. 54). Assim, ela confirma o sistema

¹⁰ Embora não seja o intuito deste trabalho refletir sobre a questão religiosa, cabe lembrar que Girard toma como ponto de partida de sua análise textos literários e mitos, bem como estudos da antropologia de tribos e grupos humanos primitivos que relatam a culpabilização de um indivíduo a partir de argumentos baseados em crenças religiosas.

¹¹ Sobre tudo pensadores latino americanos compartilham desta visão na busca por interpretar a teoria mimética de Girard à luz da realidade de opressão do seu continente (Cf. ASSMANN, Hugo (Ed.). **René Girard com teólogos da libertação**. Um diálogo sobre ídolos e sacrifícios. Petrópolis: Vozes, Piracicaba: Unimep, 1991).

sacrificial aceitando passivamente seu “destino”, permanecendo, quando não sacrificada, na marginalidade.

A multidão, além dar legitimidade ao processo pela unanimidade, confirma os estigmas sociais favorecendo a exclusão. Tende a interpretar as diferenças como mal social alimentando os estereótipos de perseguição. Outro papel interessante da multidão é o de que ela obriga a autoridade a posicionar-se pela força de seu “barulho” ou violência. É interessante pensar também que a multidão se compõe de pessoas que se deixam contagiar sem refletir as razões que as fazem estar ali. A multidão corre o risco influenciar sem saber ao certo a origem da causa que defende.

A educação que fomente a reflexão e o pensamento crítico acerca das realidades sociais será bastante útil se puder também conduzir à reflexão acerca do lugar que cada um ocupa nos processos sociais de violência. Trata-se de ponderar as próprias motivações e opiniões. Compreender as próprias intenções, considerando o desejo mimético, bem como os mecanismos que sustentam e justificam a violência nos grupos humanos, especialmente quando se faz parte dele. São entendimentos que contribuem para avaliar as próprias ações, os próprios pensamentos e pesar em que medida se é também, sustentáculo do círculo violento.

A tradicional frase “conhece-te a ti mesmo” se mostra atual e necessária para a superação do mimetismo¹². Retomando o ciclo de violência mimética, que parte do desejo imitativo, partindo para a rivalidade mimética e a crise mimética que culmina com o sacrifício ou a exclusão, a tomada de consciência em qualquer um destes passos é imprescindível para refrear a violência, pois coloca em questão as próprias atitudes e suas razões. Para além das intenções e emoções, partindo dos princípios de Girard, é necessário perceber qual o grau de mimetismo, ou seja, de imitação do desejo que gera a violência, para então poder atuar pela não violência a partir da sua raiz. Ora, tomando como princípio que é próprio do ser humano refletir sobre os próprios atos, então a ideia central se encontraria justificada. Entretanto, isso não é algo pronto e acabado. Pelo contrário, a percepção de onde surge a violência se aprende, exercita, aperfeiçoa. Girard (2004, p. 57) afirma que a não consciência do mecanismo mimético é que torna a pessoa refém dele. Ele insiste que “submergido pelo mimetismo, o sujeito perde consciência de si mesmo e de seus fins. Em vez de rivalizar com este modelo, ele se transforma em sua

¹² Importante lembrar que Girard também aponta para o caráter positivo do mimetismo, afirmando que é responsável pela adaptação e assimilação da cultura, o que se faz necessário para a vida em sociedade (Cf. GIRARD, René. **Los orígenes de la cultura**. Conversaciones con Pierpaolo Antonello y João Cezar de Castro Rocha. Editorial Trotta: Madrid, 2006, p. 53).

marionete inofensiva” (GIRARD, 2004, p. 189-190). Assim, a multidão sustenta processos vitimários sem ao menos se dar conta de quais valores defende.

Não é incomum que adolescentes, por exemplo, se envolvam em grupos que promovem violência, seja contra outros grupos, seja direcionada a uma pessoa apenas. Da mesma forma, mas por uma via inversa, alguns chegam a se sentirem responsáveis ou culpados pela agressão sofrida. Abrir os horizontes para perceber quais são as razões, ou a inexistência delas, para a escalada da violência e suas consequências é outra contribuição importante do processo educativo. Considera-se que esse seja um dos fundamentais papéis a ser desempenhado pela educação. A formação do caráter ético é aqui requisito básico. Descobrir os mecanismos que provocam e levam à violência é dar um passo no sentido de buscar uma sociedade mais justa, mais humana.

Outra tomada de consciência importante é da inocência da vítima. Para Girard (2004) o termo “bode expiatório” “refere-se a um mecanismo de vitimização verdadeiramente arbitrário, mas não apercebido como tal, que fornece uma chave para a interpretação dos textos quase míticos da perseguição mistificada” (GIRARD, 2002, p. 43). A inocência da vítima é que o torna um “bode expiatório”, mas isso nunca é reconhecido na ótica dos linchadores. Essa tarefa é feita pela desmistificação, tarefa filosófica da educação. A revelação desmascara e põe em crise todo o processo de representação persecutória, pois coloca em xeque as causas da violência.

Por fim, tomar consciência das raízes da violência em si e nos grupos humanos, reconhecer seu papel nos processos vitimários e violentos é tarefa da educação no processo de ampliação das relações sociais. Através da tomada de consciência das próprias motivações e atos, será possível romper, ou ao menos diminuir, ciclos de violência. Questionar os estigmas sociais, conhecer melhor quem são os que se encaixam no papel de “bode expiatório” para perceber melhor em que medida a vítima está para imolação ou deve ser inserida na sociedade é também exercício do pensar criticamente sobre si mesmo e sobre o mundo.

4. Considerações finais

Girard parte da ideia de ciclos de violência que podem ser rompidos com a verdade, ou seja, o reconhecimento da inocência da vítima e a perversidade do sistema vitimário. Denuncia processos de polarização e o poder da massa na estigmatização de pessoas e grupos humanos considerados culpados ou culpáveis pelos problemas sociais.

A educação se faz de esperança. Ao propor um processo de aprendizagem, o professor espera, crê na possibilidade de aprendizagem. A ação educativa se pauta no vir a ser, na potência que é cada pessoa.

Conscientizar, mais do que reter informações, é grande colaboração da educação, especialmente quando se fala em filosofia. Entretanto, se permanecer apenas no âmbito da teoria, não há de gerar efetivas transformações.

O exercício de perceber em si as moções violentas, o desejo que gera rivalidade, o desrespeito ao outro na sua condição de totalmente diferente, se faz nas relações concretas vivenciadas na própria sala de aula, ampliando-se para a escola, nas relações entre turmas e “tribos”. A sensibilidade para o mais fraco e desprotegido, o mais pobre ou mais ressentido por sua condição social e familiar também se aprende nas relações entre os pares e com os educadores.

A contribuição de Girard e outros que abordam temas referentes à violência, nas suas mais variadas formas, se estudados apenas como teorias, propostas por homens do saber distantes do contexto real da escola, pouco contribuirão para a superação da violência. A escola é lugar de exercício de pensamento. Não só. É também lugar de relacionamento, de interação com o conhecimento, mas também entre pessoas diferentes. Estas relações são também o reflexo e o ensaio, das relações vividas na sociedade. Problematicar tais relações, ampliando horizontes em constante diálogo com questões sociais, com narrativas históricas e dados atuais são caminhos para a solidariedade e paz. A escola tem papel preponderante na formação do cidadão ético, capaz de conviver e ser sensível e responsável pelo outro, dando-lhe espaço para expressar-se. Para tanto, precisa ser, primeiramente, ela mesma lugar de convívio harmônico, de acolhida e aceitação das diferenças, dos múltiplos. Neste sentido o ambiente da escola precisa ser diferenciado. Antes mesmo de propor metodologias para a sala de aula, a conscientização começa pelo clima de relações que se vivencia na escola. Uma escola participativa leva em conta as diferentes opiniões, dialoga, busca atender as necessidades de todos, especialmente dos mais vulneráveis.

A compreensão acerca das formas de violência que, em grande parte dos casos culminam na agressão física, têm seu início e se manifestam de formas sutis, o que na linguagem clássica pode-se chamar de paixões. Justamente aqui reside o papel da escola, ou seja, estar ocupada e preocupada com as bases da tolerância, do respeito, da dignidade e do valor do indivíduo enquanto ser humano. Reconhecer o modo como propõe a aprendizagem, como considera cada estudante, cada colaborador, perceber

quem ou quais são os “bodes expiatórios” que concentram as desculpas para a não acolhida e não qualidade do trabalho, são passos para a construção da cultura da não violência no contexto escolar.

Somente em um ambiente não violento é que se pode conscientizar e discutir as causas das diversas formas de agressão presentes na sociedade para poder transformá-la. A aprendizagem para a paz, a solidariedade, o cuidado com o mais vulnerável, inicia-se com a reflexão acerca da prática cotidiana. Se não, permanecerá um discurso vazio de sentido no mundo em que as relações se pautam na coisificação da pessoa humana.

Referências

- ALISON, J. Uma fé para além do ressentimento. In: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, n. 393, ano XII, pp. 11-14, 21 abr. 2012.
- ARENDT, H. A crise na educação. In: *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- ASSMANN, H (Ed.). *René Girard com teólogos da libertação. Um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis: Vozes, Piracicaba: Unimep, 1991.
- ESCLARÍN, A. P. *Educar para humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. *A voz desconhecida do real. Uma teoria dos mitos arcaicos e modernos*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002a.
- _____. *Cuando empiecen a suceder estas cosas... Conversaciones con Michel Treguer*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1996.
- _____. *Eu via Satanás cair do céu como um raio*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002b.
- _____. *Los orígenes de la cultura. Conversaciones con Pierpaolo Antonello y João Cezar de Castro Rocha*. Editorial Trotta: Madrid, 2006.
- _____. *O bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.
- PIVATTO, P. A majestade do Outro. In: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. [online]. Edição 277. São Leopoldo: Unisinos, out. 2008, pp. 16-21. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/277>. Acesso em 15 out. 2017.
- VINOLO, S. A teoria apocalíptica de Girard. In: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, n. 393, ano XII, pp. 15-19, 21 abr. 2012.